

cular. A única qualidade, mensurável, científica, da matéria, que lhe é própria, parece ser a inércia». Mas a própria inércia não é percebida senão por certas propriedades especiais e temporais do que nós chamamos «matéria».

Para nós, a matéria apresenta-se como um substractum indispensável de toda a existência física, substractum que se manifesta pelas propriedades que possui. O que difficilmente concebemos é que as qualidades «da matéria» possam existir fora e independentemente da matéria. Como conceber, por exemplo, a existência dum movimento fora dum corpo que se move, ou propriedades eléctricas dum corpo que constituem a sua carga fora de todo o corpo «material», ou mais geralmente, dum energia — que sempre se considerava como inerente à matéria — fora de toda a matéria? E, mais uma vez, como conceber as transformações da matéria em energia e reciprocamente, ou seja, a transformação dum corpo na sua simples propriedade e *vice-versa*?

Já outrora a dificuldade se apresentava dum certa maneira, quando se tratava, por exemplo, de explicar a propagação da luz ou a acção a distância nos fenómenos da gravitação universal. Na física clássica recorria-se à idéa dum meio intermediário pelo qual o mecanismo da luz ou da atracção actuavam. Assim, na teoria das ondulações, a propagação de luz podia explicar-se pelo movimento das partículas do éter hipotético, movimento provocado pelos

impulsos da matéria luminosa. A energia da matéria ordinária comunica-se, por esta imagem, a uma outra espécie de matéria, o éter, e propaga-se sob a forma de movimento das partículas deste meio etéreo. À parte a matéria ordinária, matéria n.º 1, postulava-se assim a existência do éter, ou matéria n.º 2, possuindo certas propriedades da matéria n.º 1, mas não todas, e possuindo, além disso, algumas propriedades que a matéria n.º 1 não tinha.

Na questão que nos interessa, é natural procurar uma explicação fundada na administração dum mecanismo análogo. A energia é inerente à matéria ordinária, matéria n.º 1. Separar-se-ia desta matéria tendo um suporte ou um substractum à parte sob a forma dum matéria n.º 2. As transformações recíprocas da matéria e da energia reduzir-se-iam assim essencialmente a transformações recíprocas da matéria n.º 1 em matéria n.º 2. Para além dum substractum n.º 1 revelar-se-ia um substractum n.º 2.

É isto a solução integral das dificuldades? Não; não é senão uma nova etapa ganha. Porque então põe-se a questão de saber como explicar as propriedades do substractum n.º 2. Não seremos obrigados a recorrer a um substractum n.º 3? Mas também aqui não poderemos parar e teremos de avançar mais. Assim, sempre e por toda a parte, procurando as «últimas» soluções, nós esbarramos com a noção de Infinito, barreira intransponível pelo nosso intellecto limitado».

COMENTÁRIO. — A esta tentativa de Interpretação Filosófica do Senhor Delevsky pouco há a dizer: O Sr. Delevsky, que parece ser um homem de ciência, que toma parte em congressos científicos, que fez parte da 9.ª Semana Internacional da Síntese, que escreve todos os meses dois ou três arti-

gos de divulgação científica, o Sr. Delevsky é um incompetente. Fazer jogos de espírito, mas de pobres de espírito, com dados experimentais que a ciência elabora bem longe das ôcas filosofias do Senhor Delevsky, fazer arrazoados como esta Interpretação Filosófica, é de zero. Para que se meteu êle a «pensar»?